

PECADO ORIGINADO:

as origens da atual crise
ecológica

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">um Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões</p> <p>Reitor Luiz Mario Silveira Spinelli Pró-Reitora de Ensino Rosane Vontobel Rodrigues Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação Giovani Palma Bastos Pró-Reitor de Administração Clóvis Quadros Hempel</p> <p>Campus de Frederico Westphalen Diretor Geral César Luís Pinheiro Diretora Acadêmica Silvia Regina Canan Diretor Administrativo Nestor Henrique De Cesaro</p> <p>Campus de Erechim Diretor Geral Paulo José Sponchiado Diretor Acadêmico Elisabete Maria Zanin Diretor Administrativo Paulo Roberto Giollo</p> <p>Campus de Santo Angelo Diretor Geral Maurílio Miguel Tiecker Diretora Acadêmica Neusa Maria John Scheid Diretor Administrativo Gilberto Pacheco</p> <p>Campus de Santiago Diretor Geral Francisco de Assis Górski Diretora Acadêmica Michele Noal Beltrão Diretor Administrativo Jorge Padilha Santos</p> <p>Campus de São Luiz Gonzaga Diretora Geral Sonia Regina Bressan Vieira</p> <p>Campus de Cerro Largo Diretora Geral Edson Bolzan</p> | <p style="text-align: center;">Á IRI Conselho editorial da URI:</p> <p>Presidente Denise Almeida Silva (URI)</p> <p>Conselho Editorial Adriana Rotoli (URI) Alexandre Marino da Costa (UFSC) Antonio Carlos Moreira (UNOESC/URI) Breno Antonio Sponchiado (URI) Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPel) Claudir Miguel Zuchi (URI) Dieter Rugard Siedenberg (UNISC) Edite Maria Sudbrack (URI) Gelson Pelegrini (URI) José Alberto Correa (Universidade do Porto, Portugal) Leonor Scliar-Cabral ProfessoE/meritus (UFSC) Liliana Locatelli (URI) Luis Pedro Hillesheim (URI) Márcia Lopes Duarte (UNISINOS) Maria Teresa Cauduro (URI) Marília dos Santos Lima (PUC-RS) Nestor Henrique De Césaró (URI) Patrícia Rodrigues Fortes (CESNORS/FW)</p> |
|---|--|

Gilnei da Rosa

PECADO ORIGINADO:

as origens da atual crise
ecológica

Frederico Westphalen - RS

Coordenação da Série: Claudionei Vicente Cassol e Claudir Miguel Zuchi
Revisão Linguística: Wilson Cadoná, Denise Almeida Silva
Revisão metodológica: Franciele da Silva Nascimento
Capa/Arte: Sara Spolti Pazuch
Projeto gráfico e impressão: Gráfica Boscardin

O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).

Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

Catálogo na Fonte elaborada pela
Biblioteca Central URI/FW

R694p Rosa, Gilnei da
Pecado originado : as origens da atual crise ecológica / Gilnei da Rosa; coordenação da série: Claudionei Vicente Cassol, Claudir Miguel Zuchi. - Frederico Westphalen, RS : Ed. URI, 2011.
150 p. - (Série Sapientia Vitae ; v.1)

ISBN 978-85-7796-0644

1. Filosofia. 2. Visão antropocêntrica. 3. Pensamento biológico.
4. Pensamento bioético. 5. Teoria de Gaia. I. Título. II. Série.

CDU 1

mm

Editora: URI

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prédio 8, Sala 108 - Campus de Frederico Westphalen:

Rua Assis Brasil, 709 - CEP 98400-000

Tel.: 55 3744 9223 - Fax: 55 3744-9265

E-mail: editorauri@yahoo.com.br, editora@fw.uri.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

SOBRE A SÉRIE SAPIENTIA VITAE

Sapientia Vitae, série de publicações idealizada e lançada pelo Curso de Filosofia da URI, Campus de Frederico Westphalen-RS, coordenada pelos Professores Claudionei Vicente Cassol e Cladir Miguel Zuchi, identifica as discussões desenvolvidas no âmbito do Curso, como também no Grupo de Pesquisa em Filosofia, através de duas Linhas de Pesquisa: Epistemologia e Educação, e Teologia, Bioética e Filosofia Latino-Americana, além das reflexões aprofundadas no Núcleo de Estudos Filosóficos. Da mesma forma, acolhe discussões de outros cursos ou para além das fronteiras universitárias que contribuam com o ser humano no sentido de desenvolver, aprofundar, aprimorar e intensificar diálogos para a qualificação de modos de vida inteligentes, racionais, sustentáveis, alternativos, críticos, comprometidos, dinâmicos e solidários.

A valorização à vida como bem maior, transcendendo o antropocentrismo solipsista reificado, alcança horizontes universais e inclusivos. Não há um limite para a conceitualização de vida, apenas que seja qualificação crescente, inclusão de todos, de todas e de tudo, e a valorização das pessoas por aquilo que cada uma é e das coisas que contribuem para a harmonia do cosmos, não somente a partir do racionalismo, mas das sensações, sentimentos, emoções e situações dispostas na naturalidade dos acontecimentos cosmológicos e epistêmicos. A vida inteligente busca um sentido, uma construção procura afirmar-se, embasada na permanência e estabelecimento de relações dialógicas amplas e irrestritas.

O que é inteligência? Há modos de inteligência diferentes da racional? O que significa inteligência natural? E artificial? Somente o humano dispõe dessas capacidades? Entre outras questões, estas podem principiar estudos, reflexões e discussões, aprofundando a construção do sentido de inteligência, fundamental na clareza e atribuição e sentido ao fazer e ser humano em relação cosmológica não estática, mas ampliando-se. Igualmente levam à reflexão sobre o significado, o valor de vida enquanto fundamento não cercado por limites burocráticos, científicos, técnicos, físicos, biológicos ou espirituais, mas em constante trans-gredir de possíveis compreensões, assumindo compromisso com a essencialidade primeira e fundante de vida.

Dois termos latinos, *Sapientia Vitae*, têm sido eleitos como suleadores / norteadores / horizontes dos escritos da presente série, com a qual cada um e cada uma ora têm contato. Fazemo-lo conscientes de que, na atualidade, há muito a ser alcançado na direção à qual os termos apontam. *Sapientia*, traduzido, pode significar aptidão, saber artístico ou científico, potencialidade, prudência, bom gosto ou, como o próprio termo latino denota, diretamente, sabedoria, filosofia e, também, moderação e indulgência. Toda essa riqueza, abundância cosmológica, que o termo traz, somente faz sentido junto a tudo o que se relaciona com *Vitae* que, traduzido, faz menção a vida (da vida) - vida em oposição à morte e, poderíamos acrescentar, em oposição a sistemas de morte; pode, também, significar, modo de vida, meio de vida, recursos de vida, a humanidade, tempo que dura a vida e modo de viver.

A série de publicações, escolhendo como título *Sapientia Vitae*, quer ser um meio pelo qual autores/as de

diferentes áreas do saber possam contribuir, de forma dialógica, com a qualificação da vida, da dignidade humana. Tal saber deve estar comprometido com o que, como visto acima, refletem os termos latinos: um saber que milita não contra ou focado nos sistemas de morte - fato que resultaria numa espécie de obsessão -, mas que milita numa constante e incansável elaboração do saber, da sabedoria a favor da vida ou de "sistemas" que a vida tem como sentido de luta e estudo, uma vida que vale ser vivida. Há que ser subversivo e não ofensivo na confiança de que a construção do saber da vida supera a estultícia tanatológica.

Sabedoria só existe como uma dimensão da vida. Vida que vale a pena ser vivida, é aquela pautada por sabedoria, pois, do contrário, pode tornar-se pesadelo. Muitos são os motivos de alegria e gratidão pela presença humana no barco chamado vida; mas há, no horizonte do presente e do futuro da humanidade, imperativos inquietadores à medida do sensível e da abertura para essa admissão. A verdadeira vida é sabedoria e verdadeira sabedoria é, por isso, *Sapientia Vitae*.

Pecado Originado, obra de Gilnei da Rosa, lançada no inverno de 2011, inaugura a Série *Sapientia Vitae*, com a pretensão de iniciar grande debate filosófico no sentido de qualificar a vida, intensificar as experiências e potencializar existências radicais, interessantes, significativas, relevantes e alternativas. Seu acalorado debate aproxima aqueles e aquelas comprometidos com o outro/a outra e torna o cuidado, necessário aconchego na jornada humana ao longo da existência histórica, questionando e apontado formas conscientes de vida. Fruto de pesquisa de Iniciação Científica e trabalho monográfico, trabalhos orientados pelo Professor

Claudionei Vicente Cassol, transforma-se em livro por sugestão da banca examinadora do trabalho de conclusão do Curso de Filosofia e sugestão do Grupo de Pesquisas em Filosofia, objetivando desencadear um processo de discussão acerca da vida em sua amplitude e despertando o interesse no desenvolvimento de trabalhos de final de curso com qualidade teórica e relevância sociocientífica.

Hélio Wahlbrinck, teólogo e acadêmico de Filosofia, contribuiu na elaboração e articulação dessas palavras iniciais. Agradecimentos a sua assessoria e pela disponibilidade em partilhar seus conhecimentos, inclusive de grego e latim.

Dedico esse livro a todos meu amigos e familiares,
em especial à minha namorada Franciéli Faccin.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que esse presente livro pudesse ser concretizado. Citá-las nominalmente, seria ignorar que a construção daquilo que pensamos e fazemos se fez a partir de nossas experiências vivenciadas no decorrer de toda a vida. Assim, estendo os agradecimentos a todas aquelas pessoas que de uma forma ou de outra fazem parte da construção de minha história.

De modo muito especial, agradeço as sábias palavras dos professores Claudionei Vicente Cassol e Claudir Miguel Zuchi, que engrandecem essa obra. À URI - campus de Frederico Westphalen, ao curso de Filosofia e Grupo de Pesquisa em Filosofia, que tornam a experiência do filosofar ainda mais brilhante e apaixonante. À Prefeitura Municipal de Vicente Dutra, às empresas Ramos e Copini Autopeças, Livraria Ícaro, Jonnes Informatização e Livraria Universitária, pelo apoio que possibilitou a impressão e lançamento desse livro.

Enfim, agradeço a todos que comungarem com estas palavras, refletindo-as no seu cotidiano e nas suas práticas diárias.

SUMÁRIO

| | | |
|--|-----------|-----------|
| PREFÁCIO..... | 15 | |
| INTRODUÇÃO..... | 23 | |
| | | |
| PARTE I: as origens da atual crise ecológica | | |
| 1 A VISÃO ANTROPOCÊNTRICA | | |
| HISTÓRICA DA VIDA..... | 33 | |
| 1.1 A visão ocidental da relação homem e natureza..... | 38 | |
| 1.2 O trabalho como transformador da natureza e do homem..... | 46 | |
| | | |
| 2 A CRISE DO PROJETO HUMANO E A | | |
| ASCENSÃO DO PENSAMENTO ECOLÓGICO | | |
| E BIOÉTICO..... | | 56 |
| 2.1 A ascensão da preocupação ecológica (os movimentos ecológicos)..... | 65 | |
| 2.2 O nascimento da Bioética..... | 71 | |
| 2.3 Mas que ecologia?..... | 76 | |
| | | |
| PARTE II: Pressupostos para uma ecologia em defesa da vida | | |
| 3 FUNDAMENTOS PARA UMA ECOLOGIA | | |
| PROFUNDA: A TEORIA DE GAIA..... | | 83 |

| | |
|---|------------|
| 3.1 A visão do planeta como Gaia..... | 86 |
| 3.2 Gaia e ecologia profunda..... | 92 |
| 3.3 Questionamento à pretensão antropocêntrica..... | 98 |
| 4 ECO EM DEFESA DA VIDA: UMA POSSIBILIDADE A PARTIR DA COMPREENSÃO DE GAIA E DA ECOLOGIA PROFUNDA..... | 107 |
| 4.1 A relação Homem e ambiente a partir de Gaia e da ecologia profunda: o cuidado como práxis..... | 111 |
| 4.2 Eco em defesa da vida: a construção de novos paradigmas..... | 117 |
| CONCLUSÃO..... | 129 |
| REFERÊNCIAS..... | 135 |
| POSFÁCIO..... | 141 |

PREFÁCIO

Distam da contemporaneidade, não sem ânsia de retorno, os tempos clássicos da *pólis* como *télos* (*xskoç*) de todo homem grego, direção da virtude e da ética. Eliminada a hegemonia sociocultural e econômica presentes na civilização helênica, a participação configurava a centralidade cidadã. O longo caminho trilhado pelo homem construiu a história política essencialmente masculina, hegemonicamente econômica, verticalista e centralizadora, oscilando períodos ligeiramente forjados no pensamento absolutizado econômico e, em momentos, na hegemonia religiosa, ambos com elevado acento racionalista. Tais elementos caracterizam a relação entre indivíduos, pessoas e, destes, com a comunidade, pautados em compreensões minimalistas, cimentadores dos regimes absolutistas, totalitários e das democracias de baixa intensidade (Boaventura S. Santos, Pedro Demo, Castoriadis, Gramsci, Marx).

A modernidade criou necessidades entre os humanos, não porque elas são intrínsecas ao humano, tampouco porque referem-se a descobertas que proporcionam evolução ou qualificação na espécie *sapiens* a própria espécie, por sua inventividade, desenvolveu argumentações apelativas capazes de mobilizar a maioria absoluta da humanidade para a submissão a verdades planejadas, arquitetadas e edificadas com o propósito de atender a apelos emanados por grupos ou indivíduos fortes e fartamente articulados a significações materiais com apelos absolutistas. O desejo materialista e

superficializador do humano consagra-se a cada nova produção, ao mesmo tempo em que, inconscientemente, distancia-se da essencialidade maior, a humanidade.

Crescimento populacional, necessidade de elevação na quantidade de produtos especialmente gêneros alimentícios, exigências da sociedade de consumo que se viu mais capitalizada - ainda que em porcentagem populacional mínima - e passou a exigir facilidades e benesses, entre as questões mais gerais, condicionaram a própria ciência para a associação de suas ações como negócio ou, sem poder eximir-se, como atividade econômica.

A Bioética, como ciência preocupada com a vida em seu sentido amplo e não facilmente delimitado em suas fronteiras, discute, com espírito científico, ético e autonomia, a problemática que envolve o humano em sua caminhada para a qualificação da vida pessoal e coletiva e do cosmos enquanto espaço do *bios*, da *vita*. Impedir a discussão ética acerca da vida não significa realizar o científico da Bioética, da mesma forma que cercá-la em horizontes exíguos ou tradicionais, também não o faz. A Bioética realiza-se com a elevação das atitudes humanas e científicas, complexifica-se com elas e rompe fronteiras, à medida que a discussão, a compreensão e a vida exigem aprofundamento.

Desafia a própria ciência, o espírito que esta mesma ciência associada à técnica, na visão de Arcangelo Buzzi (1986) e Francesco Bellino (1997), difundiu na humanidade. Entendimento que expressa o espírito humano como preenchido das "maravilhas" solipsistas, castradoras dos laços relacionais entre os homens, as mulheres e os demais seres e coisas do cosmos todo. No

oposto da construção científica para a coletividade e qualificação da vida, em sua compreensão mais ampla, acirrou uma corrida nociva estabelecendo como troféu soberano o lucro, condição *sine qua non* da felicidade, nascente nos tempos modernos e consolidada enquanto cancro em metástase, na contemporaneidade.

O humano já não se identifica com o cuidado ao Outro (Emmanuel Lévinas, 1906-1995), elemento fundante de sua humanidade, porém, está cegado pela possibilidade acumuladora de objetos, valores materiais, coisas, instrumentos e equipamentos, conjuntos de acessórios adotados como adornos ao descompromisso humano com a vida. Descuidar da vida é, na contemporaneidade, omitir-se na qualificação, humanização e inclusão do pobre, do explorado e não compreender histórica e contextualizadamente o homem e a mulher enquanto agentes da razão, do pensar, responsáveis pela qualificação das vivências e relações.

A região do Médio Alto Uruguai, o Norte do Estado do Rio Grande do Sul, é composta por pequenos municípios e propriedades caracterizadas pela agricultura camponesa ou - também conceituada - agricultura familiar. São pequenas propriedades, geralmente, em terrenos não absolutamente planos, solo rico e terra fértil, colonizado de forma exploratória e extrativista desde os primórdios do século XX, por descendentes de europeus. Precariedade de orientações de manejo aos agricultores e agricultoras tem definido a região, no setor primário, ao longo do século, bem como a inexistência de discussões e formação de grupos para análises e estudos. Cooperativas de Produção e entidades de representação da classe ou associativas mantinham o estandarte do produzir sem cuidar que, ao

longo dos anos, foi apropriado pelo pensamento tecnológico e cooptado pelo catecismo do produzir a qualquer custo. A cultura desbravadora permanece ativa na região, e latente como caminho largo e, por vezes, único - porque seguro, confiável, senso comum - e alimenta o pensamento e as práticas nas pequenas propriedades.

Ao pensamento desbravador, preocupado em produzir, excluído dos estudos de impactos ambientais - precários ou inexistentes - e a exclusão sociocultural e econômica da região, associou-se a tecnologia agroquímica com o reconhecido "pacote verde", depositando, como em outras regiões gaúchas e brasileiras, o gérmen seminal que fecundou o desejo por uma vida melhor - leia-se com mais rendas, lucros, valores materiais - com a fertilidade úmida, sombria, lúgubre, da exploração, em ato violento praticado pelo mercado capitalista. A promessa falsa da riqueza e melhoria de qualidade de vida familiar animou famílias de pequenas propriedades ao monocultivo, espelhando-se em grandes propriedades, produzindo para a exportação e esquecendo do cultivo dos produtos primários ou para a subsistência. Hortas, quintais, criatórios de animais domésticos foram desativados ante a visualização de pretensas melhorias propagandeadas pelo interesse lucrativo de grandes empresas preparadas para vender e lucrar desde a semente até o inseticida, do suíno até os insumos todos; dos venenos (agroquímicos: inseticidas, herbicidas, fungicidas) aos remédios utilizados nos hospitais para a cura das doenças provocadas por alterações funcionais, orgânicas e anomalias decorrentes das mudanças de hábitos agropecuários e consumo de alimentos contaminados.

Juntamente com a monocultura, destinada à exportação e fragilizadora do grupo familiar pelo descuido com a própria subsistência, chegaram às pequenas propriedades da região novas variedades de sementes, novas linhagens de suínos e aves, modificados geneticamente por processos apressados e não naturais, e equipamentos agropecuários. A visita do vendedor acompanhada do financiador, ou seguida deste, tonalizaram atitudes de angústias e desesperos entre agricultores camponeses que viram suas rendas e bens sugados pelos bancos, na visita seguinte, já não tão amistosa como na primeira, a fim de reaver os saldos negativos oriundos dos financiamentos. Essa realidade é retratada com profundidade por Charles Kiefer, nas obras **Quem faz gemer a terra** e **O pêndulo do relógio**.

Pecado Originado discute a hegemonia humana sobre o cosmos, favorecida pela centralidade do pensamento racionalista e império do masculino, olvidando a questão central da qualificação da vida da espécie humana no mundo e, inclusive, a qualificação dessa própria espécie. Ao se refletir sobre relações de cuidado, a humanidade não tem se notabilizado pela sua adoção e prática, distanciando-se da missão originária, contida, por exemplo, no livro bíblico do Gênesis, fundamento religioso da grande maioria cristã da região do Médio Alto Uruguai. Ou, talvez, por decorrência das interpretações dele decorrentes, o cuidado foi substituído pelo domínio, pelo apossamento nocivo, centralizador e explorador, estabelecendo o antropocentrismo racionalista como um dogma inquestionável. A nobre missão humana reduziu-se em acordo com capacidade própria de compreender a dimensão de sua responsabilidade e a

submissão que lhe sucedeu em relação ao acúmulo, ao poder, enquanto maravilhamento solipsista.

Analógica e criticamente estabelecido como título, **Pecado Originado** reflete as atitudes humanas verticais e dominadoras como criadoras do pecado. Não há determinismo nessa condição, apenas abuso das práticas do ser humano na sua relação com o cosmos, com os semelhantes e consigo mesmo. Inexiste, nesses termos, um pecado original; o existente e constatável é aquela falha que o ser humano, pelas compreensões unilaterais, absolutistas e antropologicamente dogmatistas, desenvolve conscientemente em prejuízos de outrem e do próprio ambiente que o acolhe ou, por ignorância - envolvimento filosófico insuficiente não dimensionando consequências ou revendo fundamentos das compreensões assumidas. O pecado originado é fruto da compreensão negligente do ser humano em relação à amplitude cosmológica e epistemática, o que reduz o cosmos e os seres todos, a objetos. Essas atitudes coisificantes plantam o descaso, a indiferença, a exploração, a dominação e o lucro como fundamentos absolutos das relações humanas com todo sistema ecológico - pecado originado pelos homens, distantes de sua essência e afastados da racionalidade dialógica, comunitária, ocupados com a exploração da natureza, dos seus semelhantes e de si próprios, por incontinência da volúpia do poder, produzem a opressão do outro, da outra, enquanto manifestação da superficialidade da própria existência e miserabilidade da vida que consegue desenvolver.

O cuidar do outro e da outra, próximos e distantes - enquanto passado, presente e futuro, capacidade de aprender com a história, memória, e

preocupar-se com aqueles e aquelas que virão e fazer isso no presente, sem retardos, compreendendo a dimensão da vida - é cuidar da terra, do cosmos e de si. Atitude solidária, comunitária, não individualista, integradora e revolucionária, transgressora, em se partindo da contemporaneidade mercadológica, centralizadora e de alma empreendedora. Sinônimo de esperteza, lucro, vida fácil... vida de rico. O cuidar aposta na riqueza da proximidade, da convivência, da vida ética, da inclusão, do valor da diferença natural, ao mesmo tempo em que condena as diferenças produzidas por qualquer forma de poder e mantidas silenciadas, caladas, pela dominação.

Claudionei Vicente Cassol

Professor de Bioética - URI-FW

INTRODUÇÃO

O atual estágio de desenvolvimento da sociedade humana encontra-se em crise, transpassada por profundos paradoxos. O homem, não obstante o grande acúmulo de conhecimento e domínio tecnológico parece caminhar para seu fim, o fim de sua vida, sua autodestruição enquanto espécie. O Planeta Terra, espoliado historicamente de seus recursos naturais dá sinais visíveis de esgotamento, perdendo o equilíbrio necessário para a manutenção da vida.

Desde os tempos mais remotos o homem arrogou para si o direito à vida, o direito à dominação das demais espécies e sobre a natureza, construindo uma visão antropocêntrica e unilateral, perdendo uma visão de conjuntura que contemplasse e promovesse a vida como um todo.

Devido à atividade depredatória e exploratória do ser humano sobre o Planeta, aliada à sua visão de dominação e superioridade à natureza, a manutenção de toda a vida encontra-se ameaçada, haja visto a degradação ecológica e a degradação da própria sociedade humana. Embora se reconheça a importância e a necessidade de preservar a vida, não obstante os inúmeros apelos à consciência, essa prática do cuidado não se efetiva.

Faz-se necessária uma mudança de paradigma civilizacional, de valores e de concepção de mundo, que fundem uma relação mais benfazeja do ser humano com o seu meio natural. Nesse sentido, a compreensão do planeta como Gaia, contribui para a construção de uma ecologia profunda que contemple o cuidado, o respeito e

promoção da vida no seu sentido mais lato, como compreende Enrique Dussel (2002).

O ser humano é um ser de relações, abrangendo muito mais que a sua espécie, mas todas as formas de vida, dada a interdependência destas no sistema de Gaia. Compreender Gaia é compreender o lugar da vida humana no sistema ecológico, suas inter-relações, suas interdependências com as demais formas de vida. Descobrir-se em Gaia, em nível de igualdade com os demais seres, possibilita a construção de uma ecologia profunda, de reverência pelas manifestações da vida. Ecologia que precisa ecoar (fazer eco, ter repercussão), no mesmo sentido do fenômeno físico do som que se repete (FERREIRA, 2004). É necessário que a ecologia repercute e se repita em práxis cotidiana dos indivíduos em defesa da vida, não somente a humana, mas a de todo o ecossistema.

A questão ambiental é um problema que carece de uma resposta rápida e concisa da sociedade humana atual. Entretanto, é necessário aliar esta necessidade com a práxis, o que se torna complexo ao se colocar em xeque valores mercadológicos e tecnológicos, tornando-se necessária uma profunda mudança de compreensão da vida; do lugar do ser humano e das demais formas de vida, através de um paradigma sistêmico, ecocêntrico, biocêntrico e profundo.

Para Boff (1996), a crise ecológica e social que hoje a humanidade atravessa demanda explicações pertinentes, radicais e convincentes. "[...] Como numa doença deve-se identificar as causas. Pois é somente atacando as causas e não os sintomas que se pode curar o doente." (BOFF, 1996, p. 101). Por isso, é preciso

identificar, na construção da sociedade humana, os fatores, as ideologias e as estruturas que fizeram com que o homem chegasse à atual situação de uma manifesta "guerra" contra a vida.

Para isso, é preciso identificar na construção da cultura ocidental, como o homem foi concebendo-se como um ser distinto da natureza e superior às demais formas de vida, arrogando para si direitos fundamentais em detrimento dos outros seres vivos. Assim, será possível a reflexão sobre as consequências impostas por essa postura de ser no mundo, sobre a natureza e sobre a própria sociedade, analisando até que ponto esses paradigmas ainda procedem, ou precisam ser repensados e/ ou substituídos por um novo modo de pensar e repensar a relação do humano com o meio ambiente.

Como um segundo momento, pode-se visualizar as interfaces da crise que essa postura de ser no mundo do homem (antropocentrismo), imprime na realidade contemporânea. Crise essa, que não obstante as suas várias interfaces, revela o colapso fundamental do projeto humano, do seu modo de se conceber como único e separado da natureza. Como toda crise paradigmática, segundo Thomas Kuhn, gesta em seu seio as sementes do novo paradigma, se visualiza na crise antropológica a ascensão do pensamento bioético e ecológico, como os balizadores de um novo *ethos* civilizacional que deve orientar o humano.

A construção de novo *ethos* civilizacional se constitui num desafio do homem repensar seu valores e sua concepção de mundo e de si mesmo. Precisa-se descobrir num sistema de Gaia, que fundamenta e é permeado por uma percepção ecológica profunda, que o

faz perceber seu verdadeiro lugar e seu papel na teia da vida.

Gaia propicia ao homem tomar consciência de suas inter-relações e interdependência com as demais formas de vida, sendo ele apenas um elo na grande teia da vida. Consciência indispensável para uma reverência à manifestação da vida em sua totalidade, como pressuposto para o desenvolver de uma ética do cuidado e promoção das manifestações de vida.

A partir da compreensão de Gaia e da ecologia profunda, pode-se apontar novas atitudes que ecoem na sociedade atual em defesa da vida, ao fundar uma nova relação do homem com os seus semelhantes e com as demais formas de vida. Olhando para a realidade, para os seus problemas a níveis globais, onde se estabelecem os problemas do desequilíbrio ecológico, da ameaça à manutenção da vida, o indivíduo pode contrapor as práticas que levaram e que ainda projetam essa tendência, à luz de uma visão a partir de Gaia, uma visão sistêmica e do todo da vida, que desencadeará em novas práticas, e na inserção de novos paradigmas, condizentes com o princípio de respeito pela vida.

Por isso, se faz de extrema importância a abordagem da teoria de Gaia na constituição de uma ecologia profunda, uma ecologia que deve ecoar na civilização humana, em defesa e reverência pela vida, compreendida em todas as suas formas e manifestações. Compreender Gaia é compreender o homem, suas relações, dependências, sua responsabilidade perante as demais formas de vida, e acima de tudo, o seu lugar na teia da vida, seu lugar em Gaia.

Inicialmente, no primeiro capítulo, buscar-se-á fundamentar, historicamente como o homem compreendeu a vida, compreendeu a sua natureza, como foi destacando-se dos demais seres no seu estado de natureza, cuja descrição detalhada encontra-se em Rousseau (1978), e como essa compreensão foi sendo construída ao longo dos tempos, através das relações sociais e da plasmação da natureza através do trabalho. Verificar-se-á como o homem foi se concebendo o centro por excelência da vida, e como essa sua atitude foi contribuindo para uma degradação não só do meio natural, mas da própria sociedade.

Para isso, há de buscar referências em autores que escreveram sobre a construção histórica das civilizações, da filosofia e das ciências, ou analisaram seus processos, tais como Chassot (1994); Boff (2000); Cotrim (2006); Capra (2006a); Antiseri e Reale (1990); Gafo (2000); Singer (1998); Barchifontaine e Pessini (2005); Rodrigues (2009) e Pelizzoli (2002).

No segundo capítulo, à luz de autores consagrados no pensamento ecológico, bioético e social, como Boff (1996, 2000, 2008); Gafo (2000); Unger (2000); Bellino (1997); Santos (2000); Lovelock (2006a); Castoriadis (2002); Capra (2006a, 2006b), proceder-se-á uma análise das interfaces de manifestação da crise do projeto humano e da ascendência da preocupação ecológica e bioética como princípios fundamentais para a construção de um novo ethos, um novo paradigma civilizacional e ambiental.

Para a orientação da construção desse novo ethos, focalizar-se-á no terceiro capítulo, a fundamentação da ecologia profunda através da compreensão do planeta

como Gaia, abordada por Lovelock (2001, 2006a, 2006b), que insere um novo padrão de compreensão do cosmos e dos seres vivos, agrupando-os num grande e único sistema. Faz-se importante para a compreensão de Gaia, as contribuições de Sagan (2010). Tendo presente esses elementos, discutir-se-á como Gaia contribui para a fundamentação da ecologia profunda prefigurada por Arne Naess, trazendo presente as elaborações de Capra (2006a, 2006b); Boff (2000, 2008). E baseando-se em Singer (1998), discute-se como essa visão desmistifica a pretensão antropocêntrica.

Tendo presentes as discussões levantadas no terceiro capítulo, procurar-se-á, no quarto capítulo, tecer uma nova visão da relação do homem com seu meio ambiente, a partir das concepções dadas pelo entrelaçamento da teoria de Gaia e da ecologia profunda, tendo o cuidado como práxis cotidiana do indivíduo. Essa nova compreensão que ecoará na sociedade contemporânea em uma ecologia em defesa da vida, fundando novos paradigmas que a orientarão nesse sentido. Para isso, são fundamentais as discussões levantadas por Boff (1996, 2000, 2008), além das elaborações de Capra (2006a, 2006b), Bellino (1997); Gafo (2000), e Unger (2000).

Esse trabalho não pretende ser dogmático e ou trazer respostas prontas, mas ser uma discussão sobre a necessidade de se repensar os moldes e paradigmas sobre os quais a sociedade contemporânea se construiu, e ao mesmo tempo fazer antropologia, discutindo como o homem foi se concebendo historicamente e qual o seu lugar, seu papel em Gaia.

Discussões essas, que seguem sob o fundo de uma reflexão ética e bioética, onde se procura analisar os processos de construção humana, sob os aspectos que promovem ou não a vida, essa como condição primeira de todas as possibilidades.

Por isso, há um crivo dialético que move o trabalho, onde a realidade atual (tese) é contraposta com a sociedade ideal, de uma igualdade biocêntrica, (antítese), apresentando caminhos possíveis para essa consecução, através de uma ética do cuidado com a vida, de atitudes e paradigmas que ecoem em defesa da vida (síntese).